



O CORPO REPRESENTADO NO CIBERESPAÇO: IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

NOVIKOFF, Cristina

Professor do Programa Interdisciplinar em Letras e Ciências Humanas/Unigranrio
c_novikoff@yahoo.com.br

TRIANI, Felipe da Silva

Estudante de mestrado do Programa Interdisciplinar em Letras e Ciências Humanas/Unigranrio
felipetriani@gmail.com

MACHADO, Alvaro Luiz Vitorio

Estudante de mestrado do Programa Interdisciplinar em Letras e Ciências Humanas/Unigranrio
alvaro.victorio@gmail.com

261

RESUMO

O texto perspectiva discutir sobre o corpo na atualidade e sua reinterpretação a partir do ciberespaço. Questionam-se os sentidos de corpo neste *lócus*, suas implicações educacionais e subjetivas. O objetivo deste estudo teórico foi de discutir os possíveis significados e sentidos de corpo dados no ciberespaço, sob a perspectiva da interdisciplinaridade. Foram utilizadas as dimensões da pesquisa científica proposta por Novikoff (2010). Adotou-se a técnica de análise de texto, específica dessas dimensões, para mapear o estado de conhecimento. A análise centra-se na interdisciplinaridade de Pombo (2005). Os resultados apontam para a importância da discussão do tema, considerando o papel da escola de desenvolver valores individuais e coletivos em prol do conhecimento-emancipação (SANTOS, 2000). Em síntese, apostamos na ideia de interdisciplinaridade enquanto práxis que permite cotejar os distintos significados de um objeto de estudo afeto tantas áreas de conhecimento, como é caso do corpo.

Palavras-chave: Corpo. Educação. Subjetividade.

ABSTRACT

The text aims discuss the body today and its reinterpretation from cyberspace. We question the meanings of body in this locus, their educational and subjective implications. The aim of this theoretical study was to discuss the possible meanings and senses of body data in cyberspace, from the perspective of interdisciplinarity. We use the dimensions of scientific research proposed by Novikoff (2010). We have adopted the technique of text analysis, these specific dimensions, to map the state of knowledge. Textual analysis was based on interdisciplinarity of Pombo (2005). The results point to the importance of discussing the issue, considering the role of schools to develop individual and collective values towards knowledge-emancipation (Santos, 2000). In summary we believe in the idea of interdisciplinarity as *praxis* to correlate and compare the different meanings of a common object of study to many areas of knowledge as is the case body.

Keywords: Body. Education. Subjectivity.



INTRODUÇÃO

O homem hodierno se distancia do real material e se aproxima do real virtual. As relações estabelecidas pelos entes se fazem por mundos diversos de modo a materializar o mundo simbólico intersubjetivamente e engendram o real de “corpo e alma”. Cabe a discussão desta dialética para tornar exequível a compreensão de que o mundo, mesmo virtual é sempre resultado da práxis humana. As relações de poder, de submissão, de revolução continuam a marcar espaços, delimitar ações e estabelecer relações de dominação que reificam e fetichizam a prática social. Elas continuam a operar a humanização dos seres humanos. Dai questionarmos o corpo no ciberespaço como expressão destes espaços de relações materializados por formas de conhecimento-regulação ou emancipação (SANTOS, 2000).

A proposta metodológica encerra afiliação em dois processos caros à ciência. O primeiro referente à metodologia de desenvolvimento científico que aqui adotamos as dimensões de pesquisa propostas por Novikoff (2010) como estratégia de ação, tratamento e organização dos dados. A outra na análise de dados que concerne à dinâmica do pensamento interdisciplinar de Pombo (2005) para combinar, convergir e complementar conceitos, proporcionando uma rede de significados favoráveis à análise sobre os temas corpo, educação e subjetividade. Neste sentido, questionam-se teoricamente quais as relações entre o corpo no ciberespaço e a educação? Qual o papel da subjetividade nas formas de interação no ambiente cibernético? Noutras palavras, quais são suas implicações educacionais e subjetivas? Foram essas questões que no sentido lato, direcionaram o caminho percorrido no presente estudo teórico.

Neste sentido, a discussão se desloca a partir da importância do corpo no ciberespaço, seguido de um diálogo sobre seus valores na atualidade e sua implicação para a educação, sem perder conexões importantes como a subjetividade que na sequência dimensiona sentidos e significados do processo de representação. Assim, o presente estudo objetivou compreender o corpo no ciberespaço, os valores e sua relação educacional, bem como a subjetividade como representação, analisando as ideias convergentes nesses temas e provocando uma discussão interdisciplinar que integre e complemente os saberes na busca de caminhos para pensar o papel da escola na superação da mera regulação para validar a emancipação.

O CORPO NO CIBERESPAÇO



O corpo pode ser delineado em real material ou físico, para dizer do corpo que toco e sinto o cheiro e, em corpo real virtual que se encontra no ciberespaço. Independente de onde se encontra, o corpo é a confirmação da existência humana, sendo a primeira forma de comunicação entre seus pares, sendo assim fundamental para o desenvolvimento do homem que por meio da fala e dos gestos são capazes de interagir (FELINTO; ANDRADE, 2005). Neste sentido, cabe ressaltar a importância do corpo no processo de interação social, seja no ambiente presencial ou no ciberespaço.

Em se tratando do ciberespaço, pode se dizer que este é um ambiente virtual onde o real é representado por meio das tecnologias da informação. Santaella (2004) afirma que o corpo pode se relacionar com as tecnologias de três maneiras, sendo por técnicas de musculação com objetivos estéticos de modelar o corpo, por utilização de próteses para correção de funções orgânicas e por serviços informáticos que possibilitam uma realidade virtual.

O corpo físico, não é o mesmo que o virtual, pois este último pode ser transformado no ambiente cibernético, onde há possibilidade da invenção do corpo por meio das ferramentas existentes no ciberespaço, ou seja, nesse ambiente o indivíduo pode ter o corpo que desejar, pois transforma-se em informação e posteriormente em imagem (REZENDE, 2004). Todavia, Cruz (2001) discute a ideia de que o indivíduo que interage no ciberespaço é libertado de problemas de aparência física e falta de mobilidade física ou econômica que muitas vezes são inadequadas ou impossibilitadas ao ambiente presencial.

No ambiente cibernético, há ausência da entonação da voz e de expressões corporais que implicam na discussão de um ponto fraco na interação no ambiente virtual, algo que na comunicação face a face envolve expressão das emoções por meio da fala e das manifestações corporais. Embora o corpo no ciberespaço seja representado por outra maneira de ser, as necessidades emocionais e afetivas permanecem as mesmas (MARTINS, 2005), pois o corpo virtual e o real são um só indivíduo que representa suas sensações no ciberespaço de modo potente e favorável, emergindo no corpo virtual a representação do eu e suas emoções. Contudo, a comunicação é realizada por meio de mecanismos técnicos, o corpo real é substituído por outros tipos de representação das emoções, uma vez que não há contato físico e interação entre corpos reais. E todas as escolhas para tais representações são criadas e sustentadas por valores.



A partir da evolução constante da tecnologia, se tem a utilização de elementos que permitem uma representação de expressões e emoções corporais, como a utilização de pontuações, letras maiúsculas e *emoctions*, que surgem a partir da necessidade de demonstrar ou expressar algo que o corpo ausente está impossibilitado no ambiente virtual. Estas formas discursivas expressão valores. Logo, é possível perceber que mesmo sabendo que a utilização destes recursos não substitui completamente a utilização da linguagem corporal, há um esforço na busca de alternativas para suprir a necessidade da expressão das emoções, afetações e sentimentos, algo que implica na afirmação da importância do corpo no processo de comunicação, neste caso no ciberespaço (BALDANZA, 2006).

EDUCAÇÃO E VALORES

A existência da educação pressupõe a existência do valor. Qualquer que seja o tipo de educação, qualquer que seja a sua modalidade haverá, sempre, a questão do valor subjacente a uma escolha, a uma decisão. E como os valores são transmitidos e ou constituídos? Por meio do instrumental basilar da Educação: o conhecimento. Santos (2000) pontua formas de conhecimento. Um diz de um “conhecimento-regulação” com a trajetória traçada entre um estado de ignorância/caos e um estado de saber/ordem. Esta regulação do conhecimento, representação herdada do Brasil Colônia se sustenta no fato de que o governo/poder, ainda decide por meios de seu aparato estrutural e normativo – encarnados nas Universidades Públicas e nas políticas educacionais vigentes (NOVIKOFF, 2006). Outra forma é o “conhecimento-emancipação” que também, se faz presente nas políticas educacionais quando abre suas portas para outros egressos em outros cursos. De outro modo, faz a trajetória entre o estado de ignorância/colonialismo para o estado de saber/solidariedade. Deste modo “o poder cognitivo da ordem alimenta o poder cognitivo da solidariedade e vice-versa” (SANTOS, 2000, p. 78). Mas o que os sustentam? Os valores.

Os valores estão relacionados aos sentimentos e eles incidem sobre determinado julgamento que fazemos (GRINSPUN, 2005). Como nos afirma Lavelle (1951) todo o valor está revestido por um sentimento e é validado por um julgamento específico. O valor não é algo concreto; o sentimento é que o clarifica. O julgamento vai permitir ao homem priorizar as suas ações, realizando-as de maneira que atenda a sua hierarquia de valores; da mesma forma é através de uma apreciação de julgamento que uma família, uma escola, uma instituição, em



geral, efetiva determinada decisão, tomando como referencial os valores que ela elegeu naquele momento histórico. A educação, também, está extremamente comprometida com os valores, e eles são "escolhidos" a partir da própria transformação da cultura onde estão inseridos. Como os valores não são universais, esta "escolha" é realizada pelos caminhos percorridos por essa cultura ao longo de seu processo histórico.

O que se observa é que a educação apresenta, além de mudança de valores entre as culturas existentes, uma transformação dentro da própria cultura. Toda a educação envolve múltiplas atividades. Compreende desde a mudança de comportamentos, novas aprendizagens, novos saberes, hábitos, atitudes, formação intelectual, internalização de normas e valores sociais. Para Lins (2008), o conceito de educação é inevitavelmente teleológico, valorativo e normativo, pressupondo alguma concepção ideal do ser humano. Conseqüentemente, o educador não poderia proceder em bases puramente empíricas e factuais.

Fontanella (1991) diz que a vida humana se constrói apoiada em valores e que eles não são nem absolutos, nem essências, nem são qualidades objetivas dos objetos em si mesmo. "Os valores surgem da atividade social dos homens, trabalhando e ou atuando concretamente. O homem se faz historicamente e, em se fazendo, cria os valores" (FONTANELLA, 1991, p. 14).

A História da Educação brasileira vai desvelando os valores que estão, explícita e implicitamente, comprometidos com o seu ideário, sua ideologia, os valores "criados" a partir da concepção que se tem do mundo, do homem e do que se entende por esta educação, em determinado momento de sua cultura nacional.

A cultura possui uma relação direta com os valores na e da educação. Bosi (1983, p. 142) entende cultura como "uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso". O autor diz, que isto nos leva a falar em uma cultura erudita brasileira, centrada no sistema educacional, e uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponderia aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, enfim do homem que não assimilou as estruturas da cidade moderna.

A Escola, instituição onde o saber sistematizado e culturalmente acumulado é transmitido às novas gerações, tem um compromisso assumido sobre a questão dos valores, sua história, seu significado, sua decisão. Ocorre que a escola brasileira continua a viver um momento de crise no que diz respeito, principalmente em termos do ensino fundamental e médio, com altos índices de evasão, repetência, configurados no fracasso escolar. Acreditamos que repensar sobre esta escola, sobre este momento histórico é repensar, basicamente, o



problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática pedagógica. O que vemos, hoje, na Escola brasileira é uma dificuldade de trabalhar as diferentes tendências educacionais, com a questão dos valores presentes na vida do aluno, enquanto sujeito histórico, real e concreto, proveniente de determinada cultura.

Neste sentido, assinalamos a urgência de todos nós educadores compreendermos os valores que definem as concepções pedagógicas, mas, por outro lado, não podemos esquecer, que a dialética da educação se realiza no ato pedagógico, no qual se confrontam educador e educando, com seus valores e histórias de vida. Como diz Paulo Freire (1981) o homem é um ser de relações, que ao lidar com o outro, doa significado, atribui valor, realiza valorações; portanto, professor e aluno estão interagindo no significado de seus valores, através dos atos e decisões realizadas. Em outras palavras, além da questão do valor em si, há a questão do valor para alguém, para uma pessoa, no caso o valor do aluno como pessoa e para o aluno, enquanto protagonista principal do processo pedagógico.

Entendendo o valor fonte da educação como sendo a pessoa humana, atribuímos o significado e grande importância à educação enquanto formadora dos valores para a vida desta pessoa; e para isso há necessidade de se compreender o que é o "ser", o "valer" para que sejam integrados no projeto educativo. Assim, questionamos como preparar os jovens para discernir o comportamento adequado, não maléfico para sua própria subjetividade e a de seus familiares, amigos, a sociedade em geral? Estamos esquecendo a vida em coletividade onde um ato infere em muitos outros, como já nos ensinou Morin (2001) Qual o compromisso da Escola, na análise e vivência de "novos" valores que estão sendo exigidos para o homem atual? Como cotejar valores de grupos distintos que convivem e buscam o saber sistematizado, na Escola?. Sem termos todas as repostas, podemos elucubrar que os valores estão no ciberespaço e este é o *locus* de aprendizado mais interessante aos jovens do que os vivenciados na escola.

SUBJETIVIDADE: AS REPRESENTAÇÕES

A subjetividade é norteada por representações e estas são carregadas de valores. Com este pressuposto reconstruímos a ideia de subjetividade para justificá-la. Inicia-se pelo diálogo com Morin (1996) que discute a noção do sujeito como sendo uma noção extremamente



controvertida. Questionando onde existe o sujeito, o autor vai buscando conhecer melhor esse sujeito, passando pela noção de indivíduo que posteriormente implicará na noção de indivíduo-sujeito, isto é, a noção que envolve uma dimensão oriunda da biologia molecular e da genética até chegar à característica da afetividade que é um rasgo constitutivo do sujeito. Fala-nos que essa noção de sujeito nos obriga a associar noções antagônicas, como a exclusão e a inclusão, o seu, o ele e o se. Para isso o autor se vale do pensamento complexo, pensamento esse capaz de unir conceitos que se rechaçam entre si e que são suprimidos e catalogados em compartimentos fechados (MORIN, 1996, p.55). O importante em Morin é que ele vai nos falar tanto do pensamento complexo, como da complexidade que caracteriza o momento presente e nos mostra que o século XX assistiu a uma invasão da cientificidade clássica nas ciências humanas e sociais.

Expulsou-se o sujeito da psicologia e o substituímos por estímulos respostas e comportamentos. Expulsou-se o sujeito da história, eliminaram-se as decisões, as personalidades, para só ver determinismos sociais. Expulsou-se o sujeito da antropologia, para ver só estruturas, e ele também foi expulso da sociologia...Não obstante, houve alguns retornos dos sujeitos, retornos às vezes tardios, como em Foucault ou em Barthes, coincidindo com um retorno do Eros e um retorno da literatura. Más são ali que, em filosofia, o sujeito se encontra novamente problematizado (MORIN, 1996, p.46).

De um sujeito individual e humano fomos caminhando para a compreensão do conceito de subjetividade que tem na Psicologia, com destaque na Psicanálise um repertório de significados para sua interpretação. Da psicanálise freudiana à lacaniana vamos procurando tecer o significado da subjetividade, compreendendo também sua natureza histórica, social e cultural que incidem nos processos psíquicos do homem aqui incluindo o consciente individual. Lacan, nas suas obras, vai falar de três conceitos básicos: o imaginário, o simbólico e a ordem real, todos eles organizados na e pela linguagem. Nesses conceitos encontramos uma vasta interpretação para subjetividade. Em Foucault (1987), novo diálogo travamos, na medida em que o autor é um dos pensadores contemporâneos que mais se dedicou à questão política da subjetividade. Ele vai procurar os processos sociais de construção da subjetividade através do conhecimento das categorizações, das instituições, dos mecanismos de inclusão e exclusão que produzem os padrões de sensibilidade, os estilos de vida e a maneira/modo de existir do próprio sujeito.

A grande contribuição da psicanálise, para subjetividade, segundo Habermas (1988), está na oposição que ela faz ao método positivista e até mesmo ao método hermenêutico



tradicional, como uma interpretação dos valores culturais. Habermas (1988) aponta algumas contradições da sociedade contemporânea que vão comprometer a própria subjetividade como os limites da natureza interna-indivíduo e a subjetividade, ou seja, um limite antropológico, na medida em que as crises do sistema socioeconômico e cultural acabaram por gerar uma crise individual e social da identidade sociocultural. Para Habermas (1989) que apresentou uma teoria da subjetividade existem três mundos que convivem na mesma contemporaneidade com limites que não são intransponíveis para o homem, a exemplo do que aponta Agnes Heller (1987): há um mundo interno que é a própria subjetividade à qual o indivíduo tem possibilidade de estar presente; mundo social onde vamos encontrar os valores culturais e morais e o mundo objetivo identificada nos valores culturais e morais. Os três mundos, o instrumental-objetivo, o normativo-social e o expressivo-subjetivo devem ser vistos como a base, a raiz da compreensão das formas de organização e reflexão humanas já que elas traduzem a amplitude das relações entre objetividade e subjetividade.

A subjetividade envolve, então tanto o conhecimento em si, como a emoção, o simbólico e a representação que o indivíduo/coletivo faz da própria realidade, assim como o que está disponibilizado pela sociedade e é apreendido e interpretado pelo indivíduo/coletivo. O Eu desse indivíduo, se relaciona com o mundo, tenta compreendê-lo e compreendendo tenta se compreender, também. Da racionalidade da época moderna, passamos para as incertezas que caracterizam a pós-modernidade e é nesse universo que a subjetividade se interrelaciona nas suas diferentes formas e matizes de identificação. A complexidade de entendermos este ser da subjetividade, hoje, fica mais evidente quando vivemos um período de desconstrução do que havia até então sido trazido como real e verdadeiro; e é nessa desconstrução que vai se formando, a construção da subjetividade.

A desconstrução das instâncias política e social na sociedade que temos provoca transformações significativas para o sujeito. A subjetividade ora é regida pelo autoconhecimento, ora pelas imposições que esta ordem política social traduz. Ao estudarmos a Juventude - como foco de atenção para a construção desta subjetividade - estamos cientes (e procurando responder às questões que nos são colocadas) de três dados significativos que se juntam, se integram de forma nem sempre precisa e ordenada, mas que no nosso entender precisam do olhar e da discussão de educadores sobre esta temática: 1 - este jovem que vive esse momento da desconstrução para construção, também, está vivendo, internamente o momento das perdas, dos lutos para novas conquistas; em síntese, ele soma interna e



externamente perdas que precisam ser ressignificadas quando passam a ser novas decisões; 2 - este jovem tem um olhar para si e para o mundo de acordo com as categorias que ele elegeu de realidade, representação, imaginário, etc.; neste espaço toda a problemática, hoje, da comunicação, da mídia tem um significado muito grande; 3 - este jovem tem na construção da subjetividade um aparato muito forte que é a subjetividade construída ao grupo de pertencimento do qual ele faz parte que as vezes supera, bloqueia, intimida a sua própria subjetividade. Esta é uma subjetividade que precisa ser melhor entendida e não apenas colocando-a em confronto com a objetividade. Como diz Morin (1996) muitas vezes cometemos o erro de reduzir a subjetividade, seja à afetividade e à contingência, seja à consciência.

Fernando Rey, (2003) no seu livro *Sujeito e Subjetividade*, defende um conceito de subjetividade que teórica, epistemológica e metodologicamente nada tem a ver com as correntes filosóficas da modernidade, e sim ela se apresenta com uma complexidade da organização simultânea e contraditória dos espaços sociais e individuais que a configuram. Rey (2003) vai nos mostrar que grandes partes das indagações ligadas à subjetividade tiveram seus alicerces trabalhados a partir dos estudos do cotidiano, das novas psicologias e dos autores que se dedicaram à pós-modernidade.

O que podemos então, entender é a importância do social e do cultural na construção desta subjetividade sendo ela provisória ou não. Temos que nos lembrar - que tanto o jovem como os demais sujeitos - convivem nesta cultura, com outra cultura que lhe está integrada – e que dela faz parte - que é a cultura da imagem que tem uma função específica no espaço social, mas também tem uma função preponderante no espaço subjetivo. A imagem atua no plano da subjetividade ao trabalhar na produção de costumes, valores, gostos, interesses, vontades, desejos e modos de pensar. Para Guattari (1986), essa cultura de massa produz, exatamente, indivíduos

[...] normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistema de valores, sistemas de submissão... não somente uma produção de subjetividade individuada - subjetividade dos indivíduos - mas uma produção de subjetividade social, uma produção da subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo (p. 16).

Em síntese, poderíamos dizer que o conceito de subjetividade abarca diferentes aspectos e concepções. Podemos e devemos falar na subjetividade individual, na subjetividade da escola,



enquanto organização social, na subjetividade encontrada nos diferentes espaços institucionalizados (Igreja, Sindicatos, famílias e entre outros), na subjetividade dos grupos da sociedade formando uma rede de subjetividades. O encontro das subjetividades - dos jovens e de suas famílias, ou dos jovens e de seus grupos, ou dos jovens e seus professores - com a variedade de estímulos existentes nesta sociedade que alguns denominam de espetáculo e que outros apontam para a mídia traz-nos uma gama muito grande de interpretação dessas subjetividades. Se somarmos a isso que as subjetividades, na sua construção, têm que compartilhar o ideal esperado pelas organizações e/ou Instituições, pelas exigências comportamentais, pelo equilíbrio desejado para identidade do indivíduo veremos quão árdua e complexa é a tarefa de conceituar, compreender e agir da melhor forma possível para esta construção.

Nossa pesquisa busca dialogar com autores que nos fundamentam o contexto que temos, a subjetividade que percebemos e os resultados que pretendemos. Reforçamos que o estudo caminha para a compreensão da subjetividade pelas questões criadas pelo conhecimento em si, mesmo quando uma experiência não pode ser apreendida pelo conhecimento e é tomada como resultado de uma opinião (ADORNO, 1969). Aqui toda a problemática e emblemática da mídia se faz presente e novamente, buscamos em Adorno o entorno para essas questões quando ele nos fala de uma debilidade do ego que vai existir não por questões meramente psicológicas, mas também sociológicas e objetivas, mostrando-nos a força do sistema social que pode ameaçar, oprimir e até humilhar o indivíduo.

Importa propor reflexões para contribuir para a compreensão das redes de subjetividade que se formam no dia-a-dia, para daí analisar qual o papel da escola nas inferências e construção da subjetividade. Partindo do jovem, enquanto aluno, ator e sujeito do seu próprio processo histórico social e cuja ação não depende dele simplesmente, mas da compreensão e do papel de todas as dimensões da sociedade, na qual ele se insere, inclusive (e muito particularmente da escola), apostamos na discussão interdisciplinar. Noutras palavras, a ideia de interdisciplinaridade que apresentamos é de sê-la uma práxis que permite cotejar os distintos significados de um dado objeto de estudo, em especial afeto tantas áreas de conhecimento, como é, por exemplo, o nosso objeto aqui tratado - o corpo.

METODOLOGIA



Este estudo adotou a abordagem das dimensões da pesquisa científica proposta por Novikoff (2010), na qual se refere a um modelo não linear de se fazer ciência. Nesta perspectiva, a proposta destina-se ao processo de construção da pesquisa científica por meio de cinco dimensões que se cruzam desde a problematização do tema até às conclusões, permitindo assim o encurtamento e a conjunção entre as etapas da pesquisa, são elas, saber: a primeira é a dimensão epistemológica, que discute o objeto do estudo, o problematiza, estabelece os pressupostos e objetivo; a segunda é a dimensão teórica, momento em que o autor (s) apresenta os pressupostos teóricos e/ou teorias que sustentam as argumentações que nortearão a pesquisa; a terceira é a dimensão técnica que descreve a metodologia pretendida no estudo, quanto aos métodos, instrumentos, técnica de coleta e análise de dados; a quarta é a dimensão morfológica, nela se insere os resultados encontrados durante a pesquisa; por fim a quinta é a dimensão analítico-conclusiva que articula os resultados encontrados com as contribuições teóricas apresentadas em uma discussão dialética e por fim a conclusão da pesquisa (NOVIKOFF, 2010).

Adotou-se ainda o conceito de interdisciplinaridade de Olga Pombo (2003) para combinar, convergir e complementar ideias proporcionando uma rede de significados favoráveis à análise sobre o corpo no ciberespaço. Neste sentido, foi realizada uma pesquisa bibliográfica (NOVIKOFF, 2010) sobre os temas corpo, educação e subjetividade. Em seguida, as ideias encontradas na literatura foram analisadas e discutidas em uma perspectiva interdisciplinar.

DO CORPO À SUBJETIVIDADE: IMPLICAÇÕES INTERDISCIPLINARES

Na tentativa de construir um diálogo interdisciplinar sobre a subjetividade do corpo no ciberespaço nos leva a dialogar com a filosofia, a psicologia e a educação. Considerando a importância da transição de conceitos, pretende-se articular e estabelecer uma ação recíproca entre esses temas, proporcionando entre eles uma análise interdisciplinar na perspectiva de Pombo (2003), ou seja, se desenvolvem na combinação, convergência e complementaridade entre os pontos de vista.

Começando pela psicologia social tomamos a ideia de representações sociais de Moscovici (2003) enquanto forma de conhecimento constituído socialmente, num determinado



contexto e sob as forças de determinação (mídias, grupos sociais, etc.). Nesta perspectiva o corpo dado no ciberespaço é marcado por representações sociais estabelecidas entre grupos específicos que se ramifica em rede e alimenta outras representações. O processo é rizomático e não se sabe ao certo onde nasce, mas se tem indícios de sua força de sustentação. E neste ponto a filosofia pode nos ajudar com sua axiologia e auxiliar pesquisadores na sinalização de valores que alimentam e matam tais representações. A questão é identificar se há representações sociais sobre o corpo na escola, quais são as ancoragens e como a educação pode intervir.

Os valores compõem o universo da subjetividade no contexto da representação, bem como se espalham pela sociedade, em sua cultura, na comunidade, no bairro, na escola, na sala de aula, nos pequenos agrupamentos de alunos (GRINSPUM, 2005). Essa dinâmica nada linear deve ser pensada e discutida na escola para enfrentar os problemas vigentes em relação ao uso do corpo no ciberespaço. A relação perversa entre ingenuidade, sexualidade aflorada precocemente e pedofilia se engendram e assustam a sociedade. O tema polêmico, mas real, deve ser levado para o chão das salas de aula.

Nesta perspectiva, o movimento interdisciplinar deste texto sobre corpo, educação e subjetividade ocorre no momento em que esses unitermos são discutidos em diferentes perspectivas e de modo convergente. Foi possível perceber que os conceitos se entrelaçam por áreas de conhecimentos distintos tendo em todos eles, a presença dos valores, emoções e sentimentos. O corpo no ciberespaço só tem sentido e pode ser representado porque carrega consigo emoções e sentimentos. Nas cores, formas, textos se delineiam as representações sociais de corpo sustentados por valores que são clarificados por meio do sentimento e a subjetividade que depende da emoção na sua construção.

É possível discutir ainda a construção de uma representação ideal que atenda às exigências sociais, no sentido de que o corpo virtual emergente é construído como desejado para ser representado no ciberespaço, como instrumento de interação que atende às exigências sociais que o corpo físico não atinge (REZENDE, 2004). A esta ideia cabe à escola promover uma educação que condicione o processo de mudança de comportamento no horizonte da concepção ideal do ser humano (NOVIKOFF, 2006). Isto se faz possível na escola enquanto *locus* de construção da subjetividade individual/coletiva é que pensa no ideal, no bem comum, na ética, como se espera e confia a sociedade.

As ideias acerca das relações com o outro e com o mundo, em busca de significação e compreensão, também, são pontos de convergência no contexto dos temas. Na perspectiva de



Cruz (2001), encontramos o cenário do corpo no ciberespaço quando o indivíduo busca a criação do corpo virtual desejado para a relação com o mundo cibernético. Na visão de Paulo Freire (1981), compreendemos que é a educação que busca por meio das relações com o outro, a valoração e a significação. E, com Habermas (1989) apreendemos que é nas relações com o mundo que realiza a tentativa de se compreender.

Diante do exposto, percebe-se que é possível desenvolver um diálogo analítico-conclusivo a partir da articulação das ideias de diferentes áreas de conhecimento já que elas se cruzam em diferentes momentos, combinando em ideias. De acordo com as emoções e os sentimentos presentes, as representações sociais de corpo de diferentes grupos se convergem com o objetivo forjar significações para o próprio corpo.

Estas relações se complementam no momento em que o corpo representado no ciberespaço é produto da subjetividade instituída que se constituiu por meio de mudanças de comportamentos condicionados pela concepção ideal do ser humano.

Cabe aos pesquisadores estabelecerem um diálogo analítico em uma perspectiva interdisciplinar para aprofundar o tema e corroborar com a educação na instituição de valores favoráveis ao corpo, sua privacidade, sua saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa pretendeu discutir o corpo no ambiente do ciberespaço, a instituição dos valores e sua implicação para a educação. Além da subjetividade no contexto da representação, trouxe as discussões teóricas sobre estes temas e discutindo-os de forma analítica em um contexto interdisciplinar.

Ao analisar os temas eleitos para este estudo na perspectiva interdisciplinar, foi possível proporcionar um diálogo conceitual que integrou os temas corpo no ciberespaço, educação e valores, e ainda a subjetividade em relação à representação para uma discussão teórica. A integração dos temas possibilitou considerar que os conceitos discutidos são convergentes e combinam em ideias, assim como se complementam na discussão de que as formas de representação do corpo no ciberespaço dependem de implicações educacionais. Todavia, cabe



ressaltar que esta pesquisa é de natureza teórica e dessa forma há necessidade do desenvolvimento de outros estudos relacionados às provocações aqui iniciadas.

Neste sentido, em se tratando do corpo no ciberespaço pode-se considerar que este é representado no ambiente cibernético fundamentada na juventude e na alegria. Esta compreensão demonstra a importância na interação social dentro do ciberespaço constituída na necessidade da criação de recursos que substituam, mesmo que de forma parcial, as expressões e emoções que o corpo físico é impossibilitado de transmitir.

Em se tratando da educação e valores sobre o corpo, importa lembrar que os valores são a fonte da educação e, que esta última é uma das instituições sociais com a responsabilidade de promover atividades, discussões e práticas para possibilitar a instituição dos valores sobre o corpo. Afinal, os valores são originários das relações estabelecidas entre a sociedade com suas diferentes instituições e os indivíduos/coletivos. As significações atribuídas ao indivíduo/coletivo dependem da cultura em que se está inserido.

Como apontado no texto, a cultura é percebida nas expressões da subjetividade, nos discursos dados ou materializados. Assim, no contexto do ciberespaço a escola pode adentrar e atentar-se para a importância desse contexto social e cultural na instituição da subjetividade. Este viver compartilhado propicia a compreensão das representações de corpo e a escolha de intervenções educacionais em prol do corpo e mente saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. Notas marginais sobre teoria e práxis. In. JENSEN, H. (org.) *Teoria crítica del sujeto*. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 1986.

BALDANZA, R. F. A comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual. *Anais do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom*, 2006.

BOSI, E. *Memória e Sociedade*. 2ª edição. São Paulo: T.A. Queiroz Editor Ltda, 1983.

COCK FONTANELLA, F. Fundamento histórico-social dos valores. *Pro-Posições*, 1991, vol. 2, n. 5.

CRUZ, L. A questão do anonimato no ciberespaço: o alter nem tão anônimo assim. *Revista Logos*, n. 14. julho/dezembro 2001.



FELINTO, E.; ANDRADE, V. A vida dos objetos: um diálogo com o pensamento da materialidade da comunicação. *Revista Contemporânea*. vol. 3, n.1, p 75-94. Janeiro/Junho 2005.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, P. *A Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GRINSPUN, Mirian Paura Sabora Zippin. *Jovens e Redes: Matizes dos Valores, Formação, Subjetividades e Tecnologias no Contexto Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2005.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

HABERMAS, J. *A crise de legitimação do capitalismo tardio*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

MARTINS, B. C. Corpos e espaços virtuais: o estatuto da presença no ciberespaço. *Revista Koine*. Janeiro/Junho 2005. Disponível em:
<<http://www.pos.eco.ufrj.br/revista/modules/wfsection/article.php?articleid=26>>. Acesso em: jun. 2014.

MORIN, E. A noção do sujeito. In: SCHNITMAN, D. F. (org). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. 3 ed., São Paulo: Cortez, 2001.

NOVIKOFF, C. Dimensões Novikoff: um constructo para o ensino um constructo para o ensino-aprendizado da pesquisa. In ROCHA, J. G.; NOVIKOFF, C. (Orgs). *Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, p. 211-242, 2010.

_____. *As Representações sociais acerca de ensino superior para professores de graduação da área da saúde*. [Tese de doutorado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

POMBO, O. Epistemologia da Interdisciplinaridade. In PIMENTA, C. *Interdisciplinaridade, Humanismo, Universidade*. Campo das Letras, 2005.

REY, F. G. *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

REZENDE, R. A tecnologia e a invenção do corpo contemporâneo. In: XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2004, Porto Alegre - RS. *Anais eletrônicos*. Porto Alegre: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2004.



SANTAELLA, L. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, B. S. *A Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.